

SIMPÓSIO AT128

LITERATURA LUSÓFONA CONTEMPORÂNEA

O ROMANCE CONTEMPORÂNEO PORTUGUÊS: RETORNADOS,
IDENTIDADES E PERTENCIMENTO

BERTOZZI¹, Ana Luiza Gerfi,
IFSP-SPO / USP – Brasil
e-mail: ana.bertozzi@gmail.com

CASEMIRO², Charles Borges
IFSP / USP – Brasil
e-mail: charlescasmiro@ifsp.edu.br

Resumo: O presente trabalho problematiza a figuração das identidades e do pertencimento lusos, a partir da leitura de dois romances contemporâneos portugueses centrados na temática do *retorno*: *O Esplendor de Portugal* (1997), de António Lobo Antunes, e *Caderno de Memórias Coloniais* (2009), de Isabela Figueiredo. Pautado nos ensaios *A Voz Itinerante* (1993), de Álvaro Cardoso Gomes, *A Ascensão do Romance* (2010), de Ian Watt, *O Romance Histórico* (2011), de György Lukács e *Para Descolonizar os Estudos de Economia Política e os Estudos Pós-coloniais* (2008), de Ramón Grosfoguel, propõe uma análise compreensiva, explicativa e comparativa dos dois romances, tomando-os como configurações paradigmáticas da Forma assumida pelo Romance Histórico Português Contemporâneo (HEGEL, 1993; LUKÁCS, 2011; GOLDMANN, 1973). Como homologias formais e residuais da Colonialidade pós-colonial portuguesa e, mais precisamente, como Estruturas Dinâmicas resultantes do refluxo histórico do Colonialismo Português, os romances são, assim, apresentados como *Paisagens Estéticas* que permitem uma problematização das identidades e do pertencimento lusos no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa. Romance Histórico. Retornados. Identidades. Pertencimento.

THE PORTUGUESE CONTEMPORARY NOVEL: RETURNS, IDENTITIES AND
BELONGING

Abstract: The present work problematizes the figuration of Portuguese identities and belonging, based on the reading of two Portuguese contemporary novels centered on the theme of the return: *O Esplendor de Portugal* (1997), by António Lobo Antunes and *Caderno de Memórias Coloniais* (2009), by Isabela Figueiredo. Guided by the essays *A Voz Itinerante* (1993), by Álvaro Cardoso Gomes, *A Ascensão do Romance* (2010), by Ian Watt, *O Romance Histórico* (2011), by György Lukács and *Para Descolonizar os Estudos de Economia Política e os Estudos Pós-coloniais* (2008), by Ramon Grosfoguel, the study proposes a comprehensive, explanatory and comparative analysis of the two novels, taking them as paradigmatic configurations of the Form

- 1 BERTOZZI, Ana Luiza Gerfi. Licenciada em Letras / Português pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, *Campus São Paulo* (IFSP-SPO). Docente de Língua Portuguesa na Rede Privada de Ensino.
- 2 CASEMIRO, Charles Borges. Doutorando em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Docente do Curso de Licenciatura em Letras / Português, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, *Campus São Paulo* (IFSP-SPO).

assumed by the Portuguese Contemporary Historical Novel (HEGEL, 1993; LUKÁCS, 2011; GOLDMANN, 1973). As formal and residual homologues of Portuguese Colonialism and, more precisely, as Dynamic Structures resulting from the historical reflux of Portuguese Colonialism, the novels are thus presented as Esthetic Landscapes that allow a problematization of Portuguese identities and belonging in the contemporary world.

Keywords: Portuguese Literature. Historical Novel. Returned. Identities. Belonging.

Introdução

O presente trabalho problematiza a representação literária das identidades e do pertencimento de retornados portugueses a Lisboa (MENESES E GOMES, 2013), no período que segue a Revolução dos Cravos (1974) e o fim das Guerras Coloniais em África (1961-1974), a partir de uma análise compreensiva, explicativa e comparativa dos romances *O Esplendor de Portugal* (1997), de António Lobo Antunes, e *Caderno de Memórias Coloniais* (2009), de Isabela Figueiredo.

Nesta demanda, assume, como verdade, a apresentação do ensaio *A Voz Itinerante* (1993), de Álvaro Cardoso Gomes, quando indicia as relações dialéticas entre formação do Romance Português Contemporâneo e seu contexto histórico e cultural de ascensão.

Para compreender e explicar, todavia, estas relações entre literatura e história, na prosa portuguesa contemporânea, os romances de António Lobo Antunes e de Isabela Figueiredo são considerados, segundo sua gênese e estrutura (GOLDMANN, 1973), a partir das teorias do Romance propostas pelos ensaios *Ascensão do Romance* (2010), de Ian Watt e *O Romance Histórico* (2011), de György Lukács, a propósito de se compreender as relações dialéticas que se estabelecem entre Forma do Romance e Forma da realidade.

Para problematizar os aspectos históricos, geográficos, sociológicos e ideológicos pós-coloniais, figurados pelos romances, buscou-se, em *Para Descolonizar os Estudos de Economia Política e os Estudos Pós-coloniais* (2008), de Ramón Grosfoguel, o conceito de Colonialidade, que permite a compreensão e a explicação da Forma d' *O Esplendor de Portugal* (1997) e do *Caderno de Memórias Coloniais* (2009), como paisagens estéticas identitárias e de pertencimento lusos, espelhadas na história pós-colonial, tanto em seus

aspectos infraestruturais quanto em seus aspectos superestruturais, numa perspectiva que considera, conjuntamente, o entendimento econômico, político e sociocultural da economia-mundo capitalista contemporânea e seu conjunto de discursos e sentidos resultantes da dialética da colonização.

Partindo-se, pois, do pressuposto da historicidade da Forma e de sua compreensão dentro de uma perspectiva estruturalista genética (HEGEL, 1993; LUKÁCS, 2011; GOLDMANN, 1973), busca-se, pois, compreender o romance *O Esplendor de Portugal* (1997) e o romance *Caderno de Memórias Coloniais* (2009) como representantes do Romance Histórico Português Contemporâneo (LUKÁCS, 2011; ANDERSON, 2007) e, assim sendo, como Formas resultantes da relação dialética estabelecida entre Forma estética e Forma da realidade portuguesa, compreendida e explicada pelo princípio do realismo formal (WATT, 2010) e pelo conceito de Colonialidade (GROSFUGUEL, 2008).

Segundo Watt (2010), o realismo formal permite compreender não somente a ascensão, mas também a própria natureza instável e histórica da Forma do Romance; mais que isso, permite explicar as diferentes configurações assumidas pelo Romance, em seu percurso de desenvolvimento, a partir da relação *sine qua non* que se estabelece entre os elementos de composição da narrativa estética e os elementos de composição da historiografia, da geografia e da vivência histórica do mundo capitalista.

No sentido, portanto, de tratar das homologias formais existentes entre a Forma da Narrativa Estética e a Forma das Narrativas Não-estéticas da Colonialidade, geradoras e estruturadoras da Poética do Romance Histórico Português Contemporâneo, os romances são analisados, de modo isolado e de modo comparado, em sua proposição de enredos fragmentários; em sua estratégia de sobrepor temporalidades e espacialidades díspares; e em sua constituição de voz narrativa fragmentária e compartilhada na condução de seus enredos. Do mesmo modo e com os mesmos interesses, os romances são, ainda, analisados como expressões de uma experiência individual e coletiva do cotidiano da Colonialidade, do memorialismo individual e coletivo da história da Colonialidade e do questionamento dos registros míticos, estéticos e históricos do imaginário português, a respeito da Colonialidade portuguesa.

Como homologias formais e residuais de sentido, portanto, da Colonialidade pós-colonial portuguesa e, mais precisamente, como Estruturas Dinâmicas resultantes da desarticulação do Colonialismo Português, *O Esplendor de Portugal* (1997) e o *Caderno de Memórias Coloniais* (2009) são, assim, apresentados, preliminarmente, como *Paisagens Estéticas* problematizadoras das identidades e do pertencimento lusos que, sob a perspectiva do Romance Histórico Português Contemporâneo, se ofertam como Narrativas de Trânsito entre o passado e o presente históricos, entre Portugal e África, entre o ser e o não-ser português.

1. O Esplendor de Portugal

No romance *O Esplendor de Portugal* (1997), António Lobo Antunes reaviva a temática das Guerras Colonial e Civil Angolanas. A partir de um discurso fragmentário e plural, no sentido de construir um diálogo tenso e conflituoso entre discursos objetivos – sejam históricos, geográficos ou socioculturais, sobre a portugalidade desfeita, sobre as guerras colonial e civil angolanas – e discursos subjetivos – sejam da memória ou do imaginário, sobre a história de desagregação de uma família de colonizadores portugueses retornados a Portugal –, Antunes propõe seu romance como uma paisagem estética de trânsito identitário e de pertencimento, entre Portugal e Angola.

Os irmãos – Carlos, Rui e Clarisse – são separados de sua mãe que, permanecendo em Angola, os manda para Portugal, por conta do recrudescimento da Guerra Civil Angolana (1978-1995). Com o passar dos anos, em Lisboa, os irmãos se distanciam e perdem contato. Todavia, a possibilidade de um reencontro familiar na noite de natal de 1995, propicia – por meio da conjunção do fluxo de consciência de todas as vozes da família – dos filhos, da mãe –, que ora são aproximadas, ora distanciadas –, a expressão de uma memória traumática e de um imaginário cotidiano alucinatório e doentio, em que se vivencia a desagregação da família e do Império Colonial. Desse modo, se reconstitui a história da Guerra de Descolonização, da Guerra Civil e das relações interpessoais e familiares conflituosas, no cotidiano luso-angolano, sob as demandas de uma existência em trânsito, oscilante entre a memória da temporalidade e espacialidade

angolanas e a vivência presente da temporalidade e espacialidade portuguesas: narrativa, ao mesmo tempo, memorada, observada, vivida e imaginada como realidade específica de portugueses *retornados* de África. Todavia, o reencontro familiar, metáfora do reencontro da portugalidade em diáspora no Império Colonial desfeito, não se efetiva, senão como possibilidade e expectativa frustrada, como problematização a respeito do desfazimento da família portuguesa e, mais amplamente, como desfazimento do próprio Império Colonial Português, mas, ainda, como metonímia da trajetória desolada de centenas de famílias de retornados de África a Portugal, após 1974.

A partir, portanto, de um enredo fragmentado, se cose a memória e o imaginário de Carlos – o irmão mais velho, bastardo, mestiço –, de Rui – o irmão do meio, hiperativo, epiléptico e desnordeado –, de Clarisse – a moça sedutora e problemática, mal vista pela sociedade – e de Isilda – a mãe, que comparece com sua fala, em cada uma das partes do tecido, como um contraponto da memória e do imaginário de seus filhos.

Tendo, pois, a cidade de Lisboa – Ajuda, Damaia e Estoril – como temporalidade e espacialidade presentes, nos fragmentos de discursos da memória ou do imaginário dos filhos, tensionados com os fragmentos de discurso da memória ou do imaginário da mãe, as cenas se dão, basicamente, no pano de fundo, na temporalidade e espacialidade da Guerra Colonial e Civil em Angola, como monólogo interior. O dia 24 de dezembro de 1995, em Lisboa, é o único dia real desta narrativa. Tudo o mais se dá a partir do fluxo de consciência dos narradores personagens, que localiza as ações no passado em Angola ou no imaginário alucinatório do presente. Esta sobreposição de temporalidades e espacialidades, dá tempo e lugar ao cosimento dos fragmentos da memória, do imaginário e do cotidiano – história, geografia e vivências – que afloram de uma voz narrativa, portanto, compartilhada que, apesar disso, apresenta-se cindida, isolada, fragmentária, no sentido de expressar a dissolução irremediável do Império Colonial e suas decorrências na constituição das identidades e do pertencimento lusos, delineados no universo de conflito entre Portugal e Angola, entre o passado colonial e o presente pós-colonial da Colonialidade, entre o ser e o não-ser português.

O meu pai costumava explicar que aquilo que tínhamos vindo procurar em África não era dinheiro nem poder mas pretos sem dinheiro e sem poder algum que nos dessem a ilusão do dinheiro e do poder que de fato ainda que o tivéssemos não tínhamos por não sermos mais que tolerados, aceitos com desprezo em Portugal (...) éramos os pretos dos outros da mesma forma que os pretos possuíam os seus pretos e estes os seus pretos ainda em degraus sucessivos descendo ao fundo da miséria, aleijados, leprosos, escravos de escravos, cães, o meu pai costumava explicar que aquilo que tínhamos vindo procurar em África era transformar a vingança de mandar no que fingíamos ser a dignidade de mandar. (ANTUNES, 1999, p. 243).

É a fragmentação de enredo, a sobreposição de temporalidades e de espacialidades e a multiplicidade de vozes da memória e do imaginário das personagens que dão Forma à experiência cotidiana da família portuguesa – colonizadora em África e retornada a Portugal – remoendo sua derrota, seu fracasso, sua solidão, suas carências, suas cicatrizes, seus traumas, seus desajustes, como experiência histórica da Colonialidade. E, sem dúvida, é esta experiência familiar, registrada como paisagem estética, que nos permite problematizar os registros míticos, estéticos e históricos do imaginário português a respeito da Colonialidade portuguesa, colocando em xeque as identidades e o pertencimento lusos na situação de Colonialidade.

2. Caderno de Memórias Coloniais

No *Caderno de Memórias Coloniais* (2009), de Isabela Figueiredo, avulta o tema da Guerra Colonial em Moçambique, como memória e como representação de um tempo e de um espaço definitivos na construção da subjetividade e do discurso narrativo fragmentário da narradora. Nascida em Maputo, Moçambique, mas vivendo em Lisboa, desde a adolescência, a narradora procura, já então em sua idade madura, problematizar a sua identidade fraturada e o seu pertencimento conflituoso, por meio de fragmentos narrativos extraídos, ora de uma memória coletiva, ora de sua própria memória, ora de um imaginário coletivo, ora de seu próprio imaginário, sobretudo, buscando áreas de intersecção entre esses universos pessoais e coletivos, espelhados e mediados, invariavelmente, pela imagem do pai.

Esta narrativa fragmentária e híbrida propõe, assim, não somente uma revisitação crítica da história da colonização e da descolonização de Moçambique e do esfacelamento do Império Colonial Português (Séculos XVI-XX), mas também, uma revisitação crítica da história de construção e de desconstrução da própria identidade e do pertencimento da narradora, como realidades dialeticamente relacionadas.

Desse modo, como expressão de oscilações entre memória e imaginário, buscando homologia entre Forma da Narrativa Estética e Forma das Narrativas Não-estéticas a respeito da Colonialidade pós-colonial, em que se vivenciava a fragmentação do Império Colonial Português, a narradora de *Caderno de Memórias Coloniais* (2009) propõe um enredo fragmentado, não somente em sua constituição de capítulos, realizada por pequenas células narrativas descontínuas (43 células, na primeira edição de 2009; 51 células, na sétima edição de 2015), mas, sobretudo, pela fragmentação das próprias células narrativas, que correspondem, por sua vez, a pequenos flashes do cotidiano e da história, costurados, todavia, numa colcha de retalhos de vida.

Como expressão, portanto, da situação conflituosa do pertencimento português na Colonialidade pós-colonial, a narradora posiciona seus fragmentos de história entre o espaço colonial de Moçambique e o espaço pós-colonial de Portugal, entre o passado cotidiano em Maputo, sob os olhares de seu pai, e o presente cotidiano em Lisboa, com seu pai sob seus olhares. O cruzamento, pois, e a sobreposição destas temporalidades e espacialidades díspares criam uma paisagem estética de trânsito que, ao passo que destituem a narradora de sua identidade moçambicana, não lhe confere, como compensação, uma identidade portuguesa. Esta paisagem estética de trânsito entre Portugal e Moçambique, entre a portugalidade europeia e a africanidade moçambicana, configura uma subjetividade oscilante, híbrida, “mestiçada”, em demanda por um tempo e por um espaço de pertencimento, que lhe corresponda a uma identidade, que se constitui, para a memória e para o imaginário da narradora, além da oficialidade de dissolução do Império Colonial.

É nesse mesmo sentido, que a narradora, em seu discurso, apresenta-se como uma subjetividade e uma voz cindidas, que se constituem do seu

saber, da sua voz e das suas experiências intimistas e líricas, todavia, hibridizadas com o saber, com a voz e com as experiências coletivas e épicas de seu pai.

Subjetividade e voz fragmentadas, descontínuas, que se prestam à figuração da experiência cotidiana da narradora menina, em Maputo, mesclada à sua experiência cotidiana de mulher, em Lisboa; e, ainda, à figuração da memória histórica da guerra em Moçambique, tanto como uma percepção masculina – a partir da memória e do imaginário do pai –, quanto como uma percepção feminina – a partir da memória e do imaginário na narradora.

A minha terra havia de ser qualquer coisa de cultura e memória, um não pertencer a nada nem a ninguém por muito tempo, e ao mesmo tempo poder ser tudo, e de todos, se me quisessem, para que merecesse ser amada; quanto custava o amor? (...) Na terra onde nasci seria sempre a filha do colono. Haveria sobre mim essa mácula. A mais provável retaliação. Mas a terra onde nasci existe em mim como uma mácula impossível de apagar. (FIGUEIREDO, pp. 87 e 133).

São estas representações de temporalidade, espacialidade e subjetividade que, por seus aspectos híbridos, constituídos numa área de interdiscurso e intercultura, entre o épico e o lírico, problematizam em *Cadernos de Memórias Coloniais* (2009), os registros míticos, estéticos e históricos do imaginário português tradicional a respeito da Colonialidade portuguesa, conduzindo a uma reconsideração coletiva sobre as concepções das identidades e do pertencimento portugueses, sobretudo, quando as atenções se voltam para situação do trânsito, do desterro e do conflito experimentados por portugueses metropolitanos e por retornados de África, como fruto do refluxo e do esfacelamento do Império Colonial Português.

3. Identidades e Pertencimento: uma história de retorno

Levando em conta, pois, as relações entre estética, historiografia, geografia e vivência histórica e, ainda, as relações entre as espacialidades, temporalidades e subjetividades das narrativas estéticas e as espacialidades temporalidades e subjetividades da realidade pós-colonial da Colonialidade, pode-se compreender e explicar os romances *O Esplendor de Portugal* (1997), de Lobo Antunes, e *Caderno de Memórias Coloniais* (2009), de Isabela

Figueiredo, como Romances Históricos Portugueses Contemporâneos, como paisagens estéticas que espelham a Colonialidade portuguesa pós-colonial, e, por isso mesmo, se apresentam como enredos fragmentários, como hibridizações de temporalidades e espacialidades, como registro de vozes narrativas compartilhadas e cindidas e como registro de conflitos entre a memória e o imaginário da Colonialidade portuguesa, que conformam, a seu tempo, discursos estéticos narrativos problematizadores das identidades e do pertencimento de portugueses, sobretudo, de portugueses retornados de África a Portugal, depois de 1974.

Referências

ANDERSON, Perry. **Trajetória de uma Forma Literária**. Trad. Milton Ohata. In: Revista Novos Estudos, N. 77, Março de 2007, p. 205-220.

ANTUNES, António Lobo. **O Esplendor de Portugal**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FIGUEIREDO, Isabela. **Caderno de Memórias Coloniais**. Portugal: Caminho, 2010.

GOLDMANN, Lucien. **Dialéctica e Ciências Humanas I**. Tradução de João Arsênio Nunes. São Paulo: Presença, 1972.

GOMES, Álvaro Cardoso. **A Voz Itinerante**: Ensaio sobre o romance português contemporâneo. São Paulo: EDUSP, 1993.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 80, março 2008, pp. 115-147.

HEGEL. **Estética**. Tradução de Álvaro Ribeiro e Orlando Vitorino. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

LUKÁCS, Györg. **O Romance Histórico**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MENESES, Maria Paula e GOMES, Catarina. *Regressos? Os Retornados na (Des)Colonização*. In: MENESES, Maria Paula et MARTINS, Bruno Sena (Orgs.). **As Guerras de Libertação e os Sonhos Coloniais**. Alianças Secretas. Mapas Imaginados. Coimbra: Almedina, 2013.

WATT, Ian. **A Ascensão do Romance**: Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Cia. Das Letras, 2010.